

## O INSÓLITO E O ABSURDO EM FRANZ KAFKA E EM MODESTO CARONE

Rita de Cássia Silva DIONÍSIO<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Montes Claros/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais<sup>2</sup>

cassiadionisio@hotmail.com

**RESUMO:** O termo “insólito” corresponde ao que é anormal, incomum, extraordinário, àquilo que é contrário às regras, e transcende os conceitos de realidade, verdade e até mesmo de gênero literário, pois sua presença na narrativa envolve efeitos diferentes, dependendo da época. Em obras de escritores Franz Kafka e Modesto Carone, verifica-se, reiteradas vezes, a suspensão da crença na realidade, causando um estranhamento no leitor, fazendo com que o insólito e o absurdo se façam presentes, quer seja pela existência de uma atmosfera onírica, quer seja pela instância ilógica dos acontecimentos narrados. Esta comunicação propõe-se a discutir essa temática – que parece indispensável a uma análise da ficção desses dois autores – tendo como objeto contos do livro *Narrativas do espólio*, de Kafka, e *Por trás dos vidros*, de Carone.

**PALAVRAS-CHAVE:** Franz Kafka; Modesto Carone; insólito; absurdo.

Escritor, conforme diversos críticos, da mais importante obra literária do século XX, Franz Kafka (Praga, Tchecoslováquia, 1883 – Áustria, 1924) é autor de narrativas breves, contos e romances, dos quais os mais conhecidos são *A Metamorfose* (1915), *O Castelo* (1922) e *O Processo* (1925) – este último, considerado a sua obra-prima. Kafka fez parte da chamada Escola de Praga, movimento que, em sua essência, era uma maneira de criação artística alicerçada em uma grande atração pelo realismo, uma inclinação à metafísica e uma síntese entre uma racional lucidez e um forte traço irônico, e incorporou à sua escrita o sistema burocrático em que vivia, recriando, na ficção, o estilo protocolar como forma de registro e ironia. A obra do autor – especialmente os textos que compõem o livro *Narrativas do espólio* (Companhia das Letras, 2002), que foram escritos entre 1914 e 1924 – possui um olhar direcionado para aspectos como a justiça, a opressão burocrática das instituições e a fragilidade do homem comum frente a problemas cotidianos.

Modesto Carone (1937 – São Paulo, Brasil), crítico literário, tradutor, contista, escritor conhecido e elogiado pela crítica, publicou dois livros de crítica literária – *Metáfora e Montagem* (1974) e *A Poética do Silêncio* (1979), um livro de ensaios, *Lição de Kafka* (2009) – e cinco livros de ficção – *As marcas do real* (1979, Prêmio Jabuti de 1980), *Aos pés de Matilda* (1980), *Dias Melhores* (1984), *Resumo de Ana* (1998, prêmio Jabuti 1999) e *Por trás dos vidros* (2007), e concluiu recentemente a tradução de toda a obra de Kafka diretamente do alemão para o português. Parte da produção ficcional de Carone insere-se no complexo contexto histórico-social brasileiro da década de 1970, assinalado também pela coexistência das diversas modalidades narrativas e pelos desdobramentos de gêneros como o romance e o conto, que incorporam técnicas e linguagens nunca dantes imaginadas dentro de suas fronteiras, resultando em textos indefiníveis, como afirma Antonio Candido: “contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e fotomensagens; autobiografias

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

<sup>2</sup> A participação neste evento conta com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG e da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

com tonalidade e técnica de romance; narrativas que são cenas de teatro; textos feitos com a justaposição de recortes, documentos, lembranças, reflexões de toda sorte.”<sup>3</sup>

Considerado pela crítica como um dos melhores contistas brasileiros da contemporaneidade, Carone declara<sup>4</sup> que a sua tarefa de ficcionista está completamente relacionada à sua atividade de tradutor e crítico literário e o conjunto da sua vida literária só se completa com as obras de Kafka, de quem teria assimilado a linguagem enxuta, burocrática, protocolar. Nessa perspectiva, o presente artigo examina as relações entre os dois autores, a partir da análise comparatista de textos ficcionais do livro *Por trás dos vidros* de Carone, e do livro *Narrativas do espólio*, de Kafka, no sentido de verificar de que forma aspectos insólitos e absurdos aparecem nesses textos.

O universo literário constrói espaços entre o real e o imaginário, cujos sentidos cabe ao leitor preencher. No caso específico dos escritores Franz Kafka e Modesto Carone, nas narrativas de ambos os autores há, reiteradas vezes, a suspensão da crença na realidade, causando um estranhamento no leitor, fazendo com que o insólito e o absurdo se façam presentes, quer seja pela existência de uma atmosfera onírica, quer seja pela instância ilógica dos acontecimentos narrados.

O termo “insólito” corresponderia ao que é anormal, incomum, extraordinário, àquilo que é contrário às regras, e transcende os conceitos de realidade, verdade e até mesmo de gênero literário, pois sua presença na narrativa envolve efeitos diferentes, dependendo da época. No mundo contemporâneo, em que a verdade absoluta já foi contestada e as fronteiras entre o real e o irreal apresentam-se diluídas nas narrativas, há que repensar os efeitos do insólito nos textos ficcionais.

Discorrer sobre o insólito na literatura requer uma reflexão prévia sobre três conceitos abordados por Tzvetan Todorov: o maravilhoso, o estranho e o fantástico.

Segundo Todorov, o gênero maravilhoso – fantástico-maravilhoso – constitui o sobrenatural aceito e refere-se ao conjunto de histórias que seguem as regras sobrenaturais, como, por exemplo, a existência de seres encantados:

[...] os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos (TODOROV, 1975, p. 60).

O gênero estranho – fantástico-estranho – caracterizar-se-ia como o sobrenatural explicado, isto é, refere-se a “acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos”, e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela produzida pelos textos fantásticos<sup>5</sup>. Neste gênero, a história é permeada por mistérios que são desvendados por uma lógica, natural e física, que pertence e segue as regras do nosso mundo.

Cabe ao gênero fantástico – fantástico-fantástico – a característica de localizar-se no limite dos dois outros gêneros, ocorrendo em circunstâncias permeadas de incertezas: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face um acontecimento aparentemente sobrenatural”<sup>6</sup>. Neste gênero, as histórias terminam na hesitação, isto é, na dúvida sobre o que seria a verdade e sobre o que seria a fantasia.

Ainda conforme Todorov, o fantástico exigiria uma integração do leitor ao mundo das personagens, uma vez que se define pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos

<sup>3</sup> CANDIDO, 1989, p. 209.

<sup>4</sup> Entrevista concedida a pesquisadora em 16 de abril de 2009, no Fran’s Café Sumaré em São Paulo.

<sup>5</sup> TODOROV, 1975, p.53.

<sup>6</sup> TODOROV: 1975, p. 31.

acontecimentos narrados<sup>7</sup>. No entanto, o leitor mencionado por Todorov não é o leitor empírico, mas uma “função” de leitor implícita no texto. Esse leitor implícito deteria as características de um leitor potencial, idealizado, materializando um conjunto de orientações que há de guiar o possível leitor empírico no sentido de uma interpretação adequada da obra, segundo a ótica de seu autor. Assim, a hesitação, a ambiguidade suscitada pelo fantástico só seria possível mediante a existência desse leitor implícito.

Conforme a pesquisadora Shirley de Souza Gomes Carreira, em seu artigo intitulado “As relações entre o insólito e os leitores empírico e virtual”<sup>8</sup>, se em dado momento a literatura fantástica surgiu de maneira a dar uma roupagem nova à abordagem de determinados assuntos que até então constituíam tabus para a sociedade, o advento da psicanálise tratou de desvelar os temas ocultos, dando um golpe mortal no fantástico em sua concepção tradicional, dando origem a uma concepção moderna. Essa afirmação conduz-nos, portanto, a refletir sobre o que, contemporaneamente, pode se considerar como fantástico ou estranho e de que forma esses aspectos se presentificariam nas narrativas dos autores aqui analisados.

Em Kafka, o tema da solidão se elabora nos meandros das cenas cotidianas e atravessa as paisagens essenciais dos indivíduos, e chega ao absurdo da condição humana. A narrativa “O caçador Graco” exemplificaria bem o que aqui se afirma. No conto, aparece um narrador observador que, como uma câmera fotográfica, capta um instante à margem de um cais:

Dois meninos estavam sentados na amurada do cais jogando dados. Um homem lia um jornal na escadaria de um monumento, à sombra do herói que brandia o sabre. Uma jovem enchia o balde de água na fonte. Um vendedor de frutas estava estendido ao lado de sua mercadoria e olhava o mar. No fundo de uma taverna viam-se dois homens tomando vinho, através dos buracos vazios da porta e da janela. O taverneiro estava sentado a uma mesa adiante e cochilava. Uma barca balançava suavemente, como se fosse levada sobre as águas ao pequeno porto. Um homem de blusão azul saltou sobre a terra e puxou o cabo pelas argolas. Outros dois homens de casacos escuros com botões de prata transportavam atrás do barqueiro um esquife sobre o qual era evidente que jazia um ser humano, debaixo de um grande tecido de seda estampado de flores e provido de franjas. (KAFKA, 2002, p. 66.)

No início, a narrativa transcorre naturalmente, como se apontasse para algo que seguisse uma regularidade objetiva. No entanto, os parágrafos que se seguem apresentam elementos extraordinários e acontecimentos imprevistos, contrariando aquela referência de objetividade. O esquife – no qual jazia “um homem de cabelo e barba selvagememente revoltos, pele bronzeada, semelhante talvez a um caçador”<sup>9</sup> – é transportado para uma habitação desabitada, estranha e é deixado em um espaço vazio. Após o ingresso no recinto de um senhor – prefeito da cidade – recebido com reverência por dezenas de meninos à entrada da casa, “imediatamente o homem que estava no esquife abriu os olhos, voltou o rosto para o senhor e disse: – Quem é o senhor?”<sup>10</sup>

A exasperação do estranhamento dá-se especialmente a partir desse momento, em que os dois personagens – o vivo e o morto – começam a dialogar, como se se tratasse de algo normal, e o morto apresenta-se como “o caçador morto Graco” e passa a explicitar o motivo de sua estada ali:

---

<sup>7</sup> TODOROV, 1975, p.37.

<sup>8</sup> CARREIRA, 2009, p. 13. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/895/578>

<sup>9</sup> KAFKA, 2002, p. 68.

<sup>10</sup> KAFKA, 2002, p. 68.

[...] O senhor está morto?

- Sim – disse o caçador. – Como o senhor vê, estou morto. Há muitos anos, devem ser descomunalmente muitos anos, caí na Floresta Negra – ela fica na Alemanha – de um penhasco quando perseguia uma camurça. Desde então estou morto.

- Mas o senhor também vive – disse o prefeito.

- Num certo sentido, sim – disse o caçador. Num certo sentido estou vivo também. Meu barco fúnebre errou o caminho, uma volta equivocada no leme, um instante de desatenção do piloto, um desvio através da minha pátria maravilhosa, não sei o que foi, só sei que permaneci na Terra e que meu barco desde então, navega por águas terrenas. Assim é que eu, que queria viver só nas montanhas, viajo, depois de minha morte, por todos os países da Terra. (KAFKA, 2002, p. 69-70.)

O caçador descreve, com escárnio, a condição em que se encontra, dando especial atenção aos aspectos deprimentes de seu estado: cabelos e barba emaranhados, mortalha suja, estendido em um catre de madeira. O prefeito pergunta-lhe o motivo daquele triste destino, a que o morto responde que não tem nenhuma culpa. “Tudo seguia uma ordem.” Mas o barqueiro encarregado de transportá-lo para o Além depois de morto errara o caminho, e, conclui: “ – Estou aqui, mais que isso não sei, mais que isso não posso fazer. Meu barco não tem leme, navega com o vento que sopra nas regiões inferiores da morte.”<sup>11</sup>

Como se percebe, o conto apresenta-se hesitante e extraordinário, uma vez que é naturalmente impossível a dissolução dos limites que separam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Aliás, no que diz respeito a esses aspectos incompreensíveis presentes nas narrativas kafkianas, Modesto Carone afirma – no ensaio intitulado “Alguns comentários pessoais sobre a tradução literária”, em que reflete sobre as dificuldades encontradas na tradução de *A metamorfose*, de Kafka – que:

[...] uma tradução de Kafka que desconsidere o teor da sua linguagem de protocolo, incumbida no original de registrar, com a maior sem-cerimônia, os acontecimentos mais insólitos, pode transformar (ou metamorfosear) Kafka num escritor que ele não é nem nunca pretendeu ser, como por exemplo um autor fantástico *tout court*. Pois o fascínio e a novidade da escrita kafkiana derivam exatamente da colisão entre o pormenor realista, beneficiado pela posição recuada do narrador, e a fantasmagoria narrada, momento em que esta adquire, em termos ficcionais, a credibilidade do real. Mas até uma tradução mais sensível pode quebrar a cara (sic) em obstáculos quase intransponíveis. Para mencionar somente uma experiência pessoal, que talvez ilustre o que aqui se quer dizer, ao traduzir *A metamorfose* tive de enfrentar umas armadilhas logo na primeira frase<sup>12</sup>. [...] A primeira precaução tomada no trabalho foi incorporar ao texto a tradução de todas as palavras da frase alemã, sem deixar nada de fora por questão de economia ou limpeza, uma vez que em Kafka as chamadas partículas de preenchimento representam uma espécie de supérfluo indispensável. Procurou-se também estabelecer em português uma ordem de palavras que não desse margem a equívocos gratuitos, como por exemplo a sequência “encontrou-se em sua cama metamorfoseado” em vez de “encontrou-se metamorfoseado em sua cama”, visto não ser impossível em Kafka – embora aqui não seja o caso – que alguém se metamorfoseasse numa cama. (CARONE, 2009, p. 108-109.)

<sup>11</sup> KAFKA, 2002, p. 72.

<sup>12</sup> “Quando em certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. (KAFKA, 1997, p. 7.)

Note-se que essa mesma natureza insólita faz-se presente no conto “Duelo”, de Modesto Carone, especialmente no que diz respeito a dois aspectos: primeiro, na parte que em o narrador relata que, após voltar do colégio, nunca antes da meia-noite, encontrava o pai postado, há horas, em cima do corrimão, à sua espera, e, continua:

Não sei se isso o irritava ou se ele usava a demora como pretexto para os raides punitivos: o fato é que se projetava de asas abertas em cima da minha cabeça. [...] Prostrado nos degraus da escada, podia vê-lo acionar furiosamente as penas do corpo; no final faltava-me tônus muscular para impedir que me cravasse as garras na nuca e me despejasse no quarto como um pacote inútil. (CARONE, 2007, p. 179.)

Percebe-se, nesta narrativa, que o narrador personagem não estabelece uma comparação entre os elementos referidos, mas, de repente, o pai é metaforicamente transformado em uma ave de rapina, com garras e penas, permitindo ao leitor a experiência pavorosa de uma cena de terror.

O segundo aspecto insólito do conto seria o seu desfecho, quando, após retirar-se da cena do crime em que assassinara e esquartejara o pai, o narrador revela que continuará morando naquela casa – apenas travara, com ferrolho, a porta do corredor no qual o pai fora morto.

Percebe-se, também, a existência do insólito no conto “Noites de circo”, que discorre sobre um espetáculo do qual fazia parte um corpo que, há tempo, apodrecia na arena:

O corpo estava literalmente estendido no chão, mas à vista desarmada era impossível perceber que os botões e as pregas da roupa haviam rebentado. Nem por isso o silêncio da plateia deixava de ser compacto. A única manifestação de vida vinha da galeria, onde os espectadores, sorrindo, tapavam o nariz com os dedos. (CARONE, 2007, p. 151.)

Por conta do estado de decomposição do corpo ali estendido, havia um desconforto na plateia, mas, ainda assim, nada impedia que o riso chegasse ao palco. Aliás, a propósito desse conto, faz-se necessário se referir ao ensaio “O realismo em Kafka”<sup>13</sup>, de Modesto Carone, em que o autor afirma que há narrativas que lembram as apresentações suntuosas e ordinárias dos auditórios de televisão dominados tanto pelas câmeras e refletores como pelas divas da mídia, “que caem como uma luva nesse deletério ‘paraíso artificial’”.<sup>14</sup> Para Carone,

[...] se o leitor é capaz de vislumbrar, no mundo do circo, um símile do próprio mundo em que vive, então a realidade “propriamente dita” [...] em comparação com a realidade aparente [...] expõe sibilinamente a ferida da alienação contemporânea, vincada pelo atropelo e crueldade que ou não são captados pelo público (*pois é dele o ponto de vista de tudo*) ou então se veem despachados como um artifício que nada tem a ver com a verdade e que por isso mesmo invoca, aqui, o modo subjuntivo da irrealidade. “O gênero humano não pode suportar tanta realidade”<sup>15</sup>, escreve T. S. Eliot. Seria possível até assumir que, neste caso, se trata de uma Grande recusa de caráter regressivo. (CARONE, 2009, p. 44.)

Esses dois exemplos citados aproximam-se do caráter insólito da ficção de Franz Kafka: o profundo estranhamento causado no leitor que, inadvertidamente, é precipitado em uma história com fenômenos inabituais e incomuns, cujos elementos são inexplicáveis.

<sup>13</sup> CARONE, 2009, p. 43-44.

<sup>14</sup> CARONE, 2009, p. 43.

<sup>15</sup> ELIOT, 1984, p. 200.

A pesquisadora Sylvia Helena Cyntrão, em seu notável ensaio “A narrativa de semiotização do acontecimento : o mundo ‘absurdo’ de Albert Camus e o mundo ‘fantástico’ de Murilo Rubião”, em que visa demonstrar a aproximação possível entre a narrativa fantástica e a narrativa do absurdo – a partir da concepção de J. Paul Sartre acerca da literatura fantástica, de que os acontecimentos se sucedem em um mundo “às avessas” com o personagem “às avessas”, em contraposição à literatura do absurdo, na qual o personagem está “às avessas”, mas em um mundo “direto” – sintetiza:

Se o “fantástico” resulta da interação do universo ficcional com outro universo lógico, de natureza desconhecida, o acontecimento será o elemento provocador dessa intersecção, subordinando à sua lógica o espaço e o personagem. As ações ocorrem por si mesmas, independentes das lógicas significantes do espaço e do personagem. Ambos são, então, desarticulados pela dinâmica estruturante do acontecimento: desconhecem-se; a experiência individual do personagem acontece no vazio, já que a expressão objetiva do espaço é fragmentária, sendo, a partir daí, atingido pelo insólito. (CYNTRÃO, 2001, p. 68-69.)

Isso, para a pesquisadora, configuraria o estado essencial da narrativa fantástica, em que os personagens não conseguem voltar ao estado lógico anterior, estabelecendo, portanto, uma relação de estranhamento.

Já o “absurdo” se apresentaria segundo outra estrutura: a mensagem explícita seria a condição humana em um mundo humano desagregado. O absurdo não seria o mundo, mas a confrontação de seu caráter irracional e do desejo perdido de “luz”, que estaria no mais fundo das preocupações humanas. O absurdo não está nem no homem nem no mundo, mas nas suas relações. Ele nasceria dessa antinomia. Naturalmente, esse profundo desencontro provocaria a sensação de inadequação e de estranhamento constantes.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que o que se percebe no conto “O caçador Graco”, de Kafka, é a inadequação de um ser a um mundo específico: um morto no mundo dos vivos; a impossibilidade de uma morte completa e a impossibilidade de uma vida completa. A morte e a vida apresentam-se, na narrativa em questão, como estados contíguos, indivisíveis. É razoável que, em um primeiro momento, esta história remeta o leitor à lenda de Drácula – o morto que retorna ao mundo dos vivos – e é possível que essa tenha servido de inspiração ao escritor tcheco. No entanto, em Kafka, o caçador Graco não se assemelha ao conde da Idade Média no que diz respeito à sua perversidade e à sua condição de vampiro e feiticeiro.

Em Modesto Carone, o absurdo instaura-se em diversas narrativas nas quais, em meio a um estado de autêntica normalidade, aparecem elementos que provocam uma desestabilização do real sensível – como nos contos “O duelo” e “Noites de circo”, já referidos.

O texto “O espantalho” também exemplificaria esta afirmação, como se pode notar no excerto a seguir:

Desde que descobri o cadáver enforcado em meu guarda-roupa passei a me vestir com mais cuidado. Antes bastava que uma calça ou camisa cobrisse o corpo para que eu as considerasse adequadas. Hoje a escolha beira o exaspero, sem dizer que para mim a questão ficou central. [...] Pois muitas vezes olho a cara do enforcado sem temer que reconheçam na sua falta de compostura as contorções que me atacam por todos os lados. (CARONE, 2007, p. 94.)

A narrativa, que possui um único parágrafo e ocupa pouco mais de uma página, provoca, já em seu primeiro período sintático, um mal-estar no leitor: “descobri o cadáver do enforcado no meu guarda-roupa” – a partir daí, ou por causa deste fato, desta constatação –

“passei a me vestir com mais cuidado”. Esta primeira parte estabelece uma sensação de estranhamento, pois, em situação de normalidade, a descoberta levaria o protagonista a diferentes reações e a tomar atitudes outras, como por exemplo, gritar de susto, chamar a polícia, etc. No entanto, o que se apresenta neste relato é a cena de um homem que, mesmo considerando o limitado vestuário que possuía, passa a se vestir com esmero – inclusive, recorre a empréstimos de toda sorte “para assegurar um repertório razoável” – por causa da presença do corpo de um enforcado em seu armário.

Aliás, é importante ressaltar que os cadáveres dos textos “Noites de circo”, “Duelo” e “O espantalho”, de Carone, aproximam-se do defunto kafkiano do conto “O caçador Graco” por dividirem, com os vivos, um espaço único, em uma convivência estranha – mas possível. Note-se, ainda, que os temas elaborados nessas narrativas abordam a difícil relação de dimensões específicas, mas, de certa forma, intercambiáveis: a morte e a vida. Os corpos em decomposição, em vez de serem sepultados, isolados – e, assim, esquecidos – partilham o universo dos vivos, espalhando o seu cheiro pútrido e condenável e que, estranhamente, às vezes a ninguém incomoda. Talvez esses textos possam, também, ser lidos como uma alegoria da sociedade de aparências, em permanente decomposição de valores, que a todos parece subjugar a uma vida de consumo exacerbado e superficial, na qual toda sorte de crimes – como o parricídio e o homicídio, por exemplo – são naturais, sendo necessário apenas que se aprenda a conviver com essa deturpação.

Deve-se ressaltar, também, que o “cadáver enforcado” do texto de Modesto Carone assume um instigante tom de metáfora e, dessa forma, apresenta-se como uma estratégia literária do autor para evocar, através da literatura, a necessidade de se pensar sobre os diversos movimentos do mundo contemporâneo.

Nessa perspectiva – da discussão sobre o insólito e o absurdo – os textos de Modesto Carone apresentariam, ainda, uma dinâmica narrativa de personagens que se movem no vazio das relações com os outros, e que, submetidos a acontecimentos diversos, em espaços multifacetados, empreendem uma luta pela sobrevivência, às vezes, presos às memórias. Como exemplo deste fenômeno, podemos nos remeter ao conto “O Natal do viúvo”, no qual o personagem, “sentado em um canto da sala”, com o rosto apoiado em uma das mãos e com as pernas cruzadas, parece ser transportado para uma longínqua noite de Natal, com a mesa preparada para a ceia, cores e sons ornando o ambiente, e a família reunida a celebrar a alegria que a data evoca. Mas a cena é marcada por nuvens, sombras, escuros e a narrativa que se inicia com: “É tarde, a chuva bate nos vidros, ele está sentado num canto da sala” encerra-se com: “Não era tarde. Não estava chovendo.”<sup>16</sup>

Os personagens caroneanos – como nas narrativas de Kafka – não raro, desorientam-se pela discrepância entre o que veem à sua volta e o que sentem. Nesse sentido, deve-se lembrar aqui o ensaio de Todorov (*Introdução à literatura fantástica*, já referido), em que o autor afirma que o fantástico pode referir-se a “uma certa reação diante do sobrenatural; mas também, ao próprio sobrenatural”<sup>17</sup>. No entanto, a perplexidade que assalta o leitor que se depara com as experiências dos personagens de Kafka e Carone é a de quem se surpreende com a própria realidade, cuja totalidade se apresenta incompreensível. Desse modo, talvez se possa afirmar que esses aspectos narrativos se configurariam como estratégias literárias dos autores para se ficcionalizar as suas absurdidades contemporâneas.

Como considerações finais destas reflexões, pode-se afirmar que os textos de Franz Kafka e Modesto Carone movem-se em diferentes sentidos, dos quais a fragmentação formal e literária e os índices de sensações insólitas e absurdas podem ser considerados como importantes chaves para a sua leitura e possível interpretação.

---

<sup>16</sup> CARONE, 2007, p. 11, 13.

<sup>17</sup> TODOROV, 1975, p. 166.

**Referências:**

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215.

CARONE, Modesto. *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARONE, Modesto. *Por trás dos vidros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. As relações entre o insólito e os leitores empírico e virtual. REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES. V. 8, n. 31. out/dez 2009. p. 13-29. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/viewFile/895/578>>. Acesso em: 21 set. 2010.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. A narrativa de semiotização do absurdo do acontecimento: o mundo “absurdo” de Albert Camus e o mundo “fantástico” de Murilo Rubião. CERRADOS. Revista do curso de Pós-Graduação em Literatura. Brasília, v. 10, n. 11, p. 67-77, 2001.

KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio*. Trad. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.